

T 1996 Espécie-Brasil

O Brasil do final do século é um filhote de tigre ou um paquiderme adolescente pós-socialismo que apenas começa a alongar os músculos para uma corrida desejitada na economia mundial? Tendo namorado o populismo sindicalista e esgotado o potencial de crescimento protegido sob um nasserismo sem Nasser no período militar, exibe uma classe política que ainda padece da tentação populista em extinção na América Latina em termos de política macroeconômica. Não é à toa que sua economia intrigue os que a conhecem pouco e precisam tirar conclusões rápidas para avaliar a oportunidade de investimentos. Pelas mais diversas razões, a maioria das quais não constituem motivo algum para orgulho nacional, os funcionários de instituições multilaterais, como o FMI e o Banco Mundial, costumam ter muita dificuldade de entender o que se passa ou levam algum tempo mais do que o razoável para pôr-se a par dos eventos correntes em sua real dimensão. Uma barreira inicial é a dificuldade de classificação do país na taxonomia da moda para atribuição de um rótulo de fácil comunicação para a apreciação de suas políticas. Foi assim que classificaram o programa Campos-Bulhões de 1964/66 de heterodoxo, e falharam redondamente na avaliação, antes e depois da crise do México em 1982, dos problemas, das potencialidades e dos resultados do esforço gigantesco de reestruturação da oferta que ocorreu entre 1975 e 1983. É talvez por esta razão que o Brasil seja o único país de alguma importância no cenário mundial que ao invés de ter uma carta de intenção aprovada pelo FMI teve de exibir aos credores e ao mundo uma espécie de carta de boas intenções do FMI com relação ao país, por ocasião da reestruturação da dívida externa que precedeu o Plano Real. Com raríssimas exceções, como é o caso do influente diretor do Institute for International Economics, John Williamson, conhecedor das coisas da Pindorama, e especialista reconhecido em política cambial, a maioria dos economistas de Washington percebe o país como uma espécie de *incola orbis antarctici*, ou habitante das terras do sul, com direito a rabo (*homo caudatus*) que o notável fundador da taxonomia animal, Carolus Linnaeus acreditava, em meados do século XVIII, existir como categoria abaixo do *homo sapiens* e do *homo troglodytes*.

Essa dificuldade de classificar a Espécie-Brasil aumenta a importância da homogeneidade do discurso dos diversos membros da equipe econômica na reunião anual conjunta do FMI-BIRD para a correta apreciação do risco Brasil. Já pelo quarto ou quinto ano consecutivo, o discurso dos responsáveis pela política econômica é basicamente o mesmo. Pela primeira vez em muitos anos, os dados apresentados e projetados para o país não exigem a boa vontade dos simpatizantes e permitem, mesmo aos mais céticos, a visão de que o Brasil, finalmente apresenta uma economia com problemas "normais", como em uma expressão feliz definiu o Ministro Pedro Malan. Em contraste com a experiência mais frequente, não houve necessidade de consumir horas expondo suas anomalias a uma platéia de visitantes distamente curiosos. Mas sim discutiram-se os problemas de como reduzir o déficit fiscal, como aliás discutiram, antes da reunião do Fundo, os ministros europeus que não desembarcaram recentemente da selva hiperinflacionária, signatários do Tratado de Maastricht. Cá como lá, a economia política do ajuste fiscal é difícil, o que é ilustrado pelo fato de que somente Luxemburgo enquadra-se agora nos critérios de 3% de déficit fiscal nominal e 60% de dívida pública como proporção do PIB, estabelecido para o Sistema Monetário Europeu. O desafio é estabelecer um sistema de incentivos capazes de impedir que os conflitos por detrás da disputa por mais gastos públicos seja resolvido pela contratação futura de mais inflação e mais instabilidade no horizonte.

Não ter uma política macroeconômica com o selo de boa-qualidade do Fundo custa-nos hoje alguns pontos de juros, menor crescimento e possivelmente maior fragilidade e nervosismo nas fontes externas de financiamento. É bem verdade que nosso vizinho das terras do Sul, a Argentina, mais apoiada, não tem política de melhor qualidade ou melhores resultados, mas tem melhor avaliação. O Fundo ajudou pouco ao Brasil nos últimos anos e cobrou caro pelos momentos difíceis vividos nos anos oitenta. Há sinais, entretanto, de que após a reunião de 1996, possam voltar ao normal as relações entre o país e esse organismo internacional cujo papel pode ser muito importante para a estabilidade futura da economia mundial. A nova Espécie-Brasil será beneficiária e parceira adulta do processo de construção dessa estabilidade.